

Discurso de Carlos Coelho na apresentação pública do “Europa de A a Z: Dicionário de Termos Europeus”



Proferido no Salão Nobre da Reitoria da Universidade de Lisboa, em 26 de Fevereiro de 2018, na presença de S. Exa. o Presidente da República Portuguesa.

Boa tarde a todos,
Excelências,
Minhas senhoras e meus senhores,

A minha primeira palavra é para Sua Excelência, o Presidente da República.

Há cerca de 13 anos, o 1º Dicionário de Termos Europeus foi lançado pelo então Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio numa cerimónia que teve lugar no Centro Jean Monnet.

Para esta 3ª edição revista, aumentada e actualizada e com mais do dobro das entradas a que chamámos “*Europa de A a Z*”, temos o privilégio de contar com a sua presença.

Ao longo de vários anos, tenho tido a oportunidade de agradecer ao Prof. Marcelo Rebelo de Sousa algo que creio todos podemos testemunhar: o seu empenho e disponibilidade para iniciativas com carácter pedagógico e formativo.

E sabe que nunca escondo a gratidão pela ajuda que me deu a pensar e a realizar a Universidade de Verão Francisco Sá Carneiro que promovemos há 15 anos. E onde esperamos poder recebê-lo de novo quando a sua agenda e funções o

permitirem.

A minha segunda palavra é para o Prof. Cruz Serra, Magnífico Reitor da Universidade de Lisboa, que por razões imprevistas e indesejadas não pode estar hoje fisicamente connosco e que está representado pelo Vice-Reitor Prof. Pinto Paixão, que saúdo com amizade.

Neste mesmo espaço, o Prof. Cruz Serra participou na Conferência “*ANTECIPAR O FUTURO: 10 tecnologias que podem mudar as nossas vidas*” que reuniu mais de 60 investigadores e cientistas portugueses numa iniciativa promovida por mim e pelo Comissário Carlos Moedas cujo trabalho excelente na Comissão Europeia bem prestigia Portugal. E foi aqui que lançámos a rede **EurociênciaPT**.

Agradeço pois à Universidade de Lisboa, pela segunda vez, a hospitalidade nesta magnífica sala.

Quero saudar o Presidente do PSD, Dr. Rui Rio, agradecer-lhe a distinção da sua presença e desejar-lhe os maiores sucessos nas funções para que foi recentemente eleito. E se me for permitido um desabafo pessoal, confesso que quando iniciámos a nossa actividade política não podíamos imaginar que a Europa viria a ser tão relevante na vida dos portugueses.

Quero agradecer à Zita Seabra o facto de, com a Alêtheia, ser nossa cúmplice neste projecto editorial, desde o início, e de nos ter sempre animado e incentivado.

Quero agradecer a todos os autores, vários aqui hoje presentes e cujos nomes estão por detrás de mim no painel e constam naturalmente da obra impressa. Quero fazê-lo na pessoa do meu amigo e colega Paulo Rangel, Coordenador do Grupo Europeu do PSD que sempre apoiou esta edição.

Nos mais de 70 autores contam-se personalidades com vida partidária e independentes, membros de Governos quando o PSD foi poder e quando foi oposição, portugueses e estrangeiros, nomes consagrados e jovens com grande valor, Homens e Mulheres com formações diferentes. Entre todos há em comum o profundo conhecimento das questões europeias, a disponibilidade de o partilhar e a vontade de o fazer desinteressadamente. Esta edição, como as anteriores, não tem motivações comerciais, uma vez que os direitos de autor revertem para uma instituição de solidariedade social escolhida pela Editora.

E nos autores constam dois amigos que já partiram do meio de nós, o Vasco Graça Moura e o Diogo Vasconcelos. Mantemos o tributo à sua memória nas definições que fizeram para este Dicionário mesmo nos casos em que a actualização levou a

que passassem a ser co-assinadas.

E quero agradecer-vos a todos a vossa presença. Vejo caras conhecidas, Deputadas e Deputados à Assembleia da República, Professores desta Universidade, dirigentes estudantis, colegas do Instituto Francisco Sá Carneiro, amigos e companheiros de combates e de jornadas.

Senhor Presidente,
Senhoras e Senhores,

Muito se fala hoje na cidadania europeia. Uma cidadania complementar que se junta à nossa cidadania portuguesa e que nos confere um conjunto de importantes direitos em todo o espaço da União Europeia.

Aquilo a que eu gosto de chamar a *Europa dos Cidadãos*.

Mas a verdade é que não há verdadeira cidadania sem participação e não pode haver participação sem informação.

Saber mais sobre a Europa que por vezes parece tão distante e tão complexa é pois uma exigência democrática.

E a verdade é que há um *europês*, uma língua que frequentemente parece hermética ou apenas estranha e que este Dicionário procura traduzir para português corrente.

Porque em Portugal, PCP é um partido político mas em Bruxelas é a Política Comum das Pescas. O FADO para nós é uma canção nostálgica que muitos dizem ser reflexo da “alma portuguesa”, mas para outros europeus FADO significa *False and Authentic Documents Online*.

Nacionalizar para nós significa (sobretudo após o 11 de Março) a apropriação pelo Estado de empresas, propriedades e actividades económicas que estavam em mãos privadas. Em Bruxelas, nacionalizar significa devolver aos Estados-Membros competências que estavam desnecessariamente a ser exercidas pelas instituições europeias.

Em Portugal, cadeira vazia é uma cadeira vazia. Em Bruxelas, representa uma das maiores crises da Europa comunitária.

E temos conceitos que todos os dias são invocados como a subsidiariedade (e nada tem a ver com subsídios) ou processos complexos para aprovar normas, como a co-decisão, que importa explicar e tornar transparentes.

Este Dicionário visa exactamente responder a esta necessidade.

Uma necessidade reforçada pela circunstância do momento de uma Europa cuja integração nunca foi tão discutida e que nunca precisou tanto da atenção e do compromisso dos cidadãos.

Em pleno período de negociações, o que implica a saída do Reino Unido? Como se processa essa saída? Que alternativas se perfilam? Algumas respostas podem ser encontradas neste Dicionário.

E a crise dos refugiados? O que é Schengen e a livre circulação? O que é segurança e o que é populismo demagógico? O Dicionário também esclarece e informa.

E quando se fala em perspectivas financeiras e em ameaças à PAC e à Política de Coesão, o que são recursos próprios? E que futuros impostos europeus? Respostas existem no “Europa de A a Z”.

E não esquecemos a aproximação das eleições europeias. De acordo com o eurobarómetro, na União Europeia 55% dos cidadãos dizem-se interessados em votar mas em Portugal essa percentagem não ultrapassa os 40%.

Em todas as eleições para o Parlamento Europeu (com excepção da primeira, que coincidiu com eleições legislativas para a Assembleia da República) a percentagem de portugueses que votaram foi sempre inferior à média europeia.

Cria-se a ideia que somos menos europeus que os outros ou que a União é uma realidade a que muitos dos nossos concidadãos são completamente alheios.

Também por isso o “Europa de A a Z” pretende ser uma ferramenta útil e oportuna.

E como os tempos mudam e muitos já se habituaram a consultar informação útil no mundo digital, esta obra em papel está também disponível em formato digital em www.euroogle.com e numa aplicação que qualquer um de nós pode descarregar no seu telemóvel.

Aí é possível ao leitor, sugerir correcções, aperfeiçoamentos ou actualizações às definições ou anotar termos que faltam e podem e devem ser acrescentados ao Dicionário. Nesta plataforma, os leitores podem também ser autores e, participando, deixar a sua marca neste Dicionário.

Foi com o mesmo espírito que, por proposta do Deputado José Manuel Fernandes, lançámos no *youtube* o MINUTO EUROPEU, iniciativa a que se associou a

Deputada Sofia Ribeiro e que já produziu mais de 130 vídeos, explicando termos, programas e instituições europeias.

E pensamos igualmente lançar um Dicionário de Cidadania com termos e conceitos que fazem parte da vida democrática nacional mas que por vezes não são claros ou revestem particular complexidade.

Muito honrados ficaremos se pudermos contar com a contribuição do Prof. Marcelo Rebelo de Sousa neste projecto.

Caros Amigos, traduzir conceitos, simplificar o que é complexo, tornar acessível a todos informação essencial, é um exercício útil e pedagógico.

Mas para os que, como o Paulo Rangel e eu, somos eleitos, é uma obrigação. É o fruto desse labor que está nas vossas mãos e espera a vossa aprovação e a vossa participação.

Muito obrigado.